

JOSÉ ROBERTO O'SHEA – JAMES JOYCE E TRADUÇÕES

Wanda Camargo – assessora da Presidência das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.

RESUMO:

O irlandês James Joyce tem importância vital para a literatura do século XX. A partir da revolução que realizou em *Dublinenses*, *Retrato do Artista Quando Jovem*, *Stephen Herói* e *Ulysses* nenhum outro escritor continuou escrevendo da mesma maneira. O professor, escritor e tradutor José Roberto O'Shea, considerado uma das maiores autoridades do Brasil em James Joyce e William Shakespeare, participou do "Encontro com a Palavra", um dos maiores eventos do ano em literatura, no cenário paranaense. O "Encontro com a Palavra" foi realizado pelas Faculdades Integradas do Brasil, Solar do Rosário e Graciosa Country Club, que também sediou o evento.

José Roberto O'Shea apresentou recentemente uma revisão de sua tradução de *Dublinenses* e a primeira tradução brasileira de *Stephen Herói*, obra de grande importância por ser uma primeira versão de *Retrato do Artista Quando Jovem*, mas com diferenças tão marcantes que tornam os dois romances independentes.

Todas as manifestações do ser humano, afeto, desafeto, amor, violência, ternura e raiva estão presentes nos 15 contos de *Dublinenses* que, para O'Shea, são conteúdos que calam fundo em qualquer leitor, pois este se vê ali, em situações de sua própria infância, adolescência ou idade madura, nas descobertas ou decepções do amor, e em questões que a pessoa considera importantíssimas. "Ao mesmo tempo, porém, isto configura um amadurecimento, pois você cresce com essas descobertas e percebe que você não é melhor que ninguém, que as pessoas têm as mesmas angústias e ansiedades que você. Tudo implica autoconhecimento, o que nunca é demais", argumentou.

Sobre estilo, O'Shea ressalta que a cadência e o ritmo da prosa de Joyce chamam a atenção. Segundo ele, só quando a ausência de pontuação produz quase que a incompreensão, bivalência ou uma ambiguidade não intencional, o autor aplica a pontuação. "Caso contrário, a prosa dele prescinde de pontuação, e isso na tradução é muito difícil, pois você precisa mantê-la. Você precisa ter controle da prosa, do português e da variante brasileira".

O escritor comentou que o evento "Encontro com a palavra" é uma ótima iniciativa para a integração do estudante com a área cultural. "É imprescindível um verniz, um polimento cultural, uma suplementação do conhecimento técnico com os conhecimentos de cultura. Esse polimento vai tornar o aluno que está se formando em áreas não diretamente culturais um profissional muito mais redondo, muito mais bem acabado, com uma visão de mundo muito mais holística", completa.

O "Encontro com a Palavra" em que José Roberto O'Shea falou sobre Joyce, suas obras e traduções é mais um excelente resultado da parceria de um clube social, um centro de arte e cultura e uma instituição de ensino, que acreditam em sua responsabilidade na preservação, divulgação e inovação da cultura.

O’Shea concedeu a seguinte entrevista à coordenação do evento:

Coordenação: O chinês Mo Yan, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 2012, não tem nenhum livro publicado no Brasil embora seja razoavelmente conhecido em outros países. Um dos motivos parece ser a dificuldade em encontrar bons tradutores do Mandarim para Português. A seu ver há muita perda de qualidade da obra literária quando traduzida de um idioma que não é o original?

José Roberto: É lugar-comum se falar em perdas no processo tradutório. De fato, em dados momentos, pode haver certo empobrecimento, seja semântico, seja estético. No entanto, não há apenas perdas, pode haver enriquecimento, seja semântico, seja estético.

Coordenação: Uma tradução literária é obviamente muito mais refinada e complexa do que a mera transposição de textos de um para outro idioma. Em sua opinião, o que é uma boa tradução?

José Roberto: Uma boa tradução é um texto capaz de reproduzir, na cultura de chegada, em conteúdo e forma, a vivência propiciada pelo texto originário.

Coordenação: Um problema comum em traduções é a adoção da norma culta até mesmo em diálogos, o que os torna artificiais, ou o apelo a expressões populares regionais, o que faz personagens evidentemente estrangeiros usarem termos como “mano” ou “mermão”. Onde está o equilíbrio?

José Roberto: O desafio do registro linguístico, sobretudo na tradução dos diálogos, é grande, e não existe fórmula mágica. Sim, é preciso um equilíbrio, mas como alcançá-lo é o xis da questão. A meu ver, uma estratégia útil é tentar seguir as modulações do registro que consta da obra originária. Se o original apresenta variação linguística intensa, registrada, por exemplo, com grafias que se apartam da norma culta e que buscam registrar sons do discurso oral, o tradutor fica mais livre para praticar desvios similares. Mas, é preciso cuidar para que a tradução não vá além do nível de variação linguística encontrado na obra originária.

Coordenação: James Joyce entendia a “epifania” como a apreensão da realidade deflagrada ou representada por algo geralmente muito simples. Esse conceito é tão fundamental em sua obra?

José Roberto: Sim, sobretudo no caso de Dublinenses (mas, não apenas) essas revelações súbitas produzem nos personagens (e, por associação, no leitor) o paradoxo do estranhamento que conduz ao autoconhecimento.

Coordenação: Depois de traduzir Stephen Herói, Um Retrato do Artista quando Jovem é a sequencia natural? Quando?

José Roberto: Um Retrato do Artista Quando Jovem já está bem traduzido, tanto pela professora Bernardina Pinheiro, quanto pelo Elton Mesquita, a ser publicado pela Editora Hedra.

Coordenação: Qual, então, seu próximo desafio?

José Roberto: No momento, dando continuidade à minha pesquisa apoiada pelo CNPq, estou traduzindo e anotando *Os Dois Nobres Primos*, peça de autoria de William Shakespeare e John Fletcher, ainda inédita no Brasil.